

As Moedas de Cornélio Agripa

SILVINO SANDERS

Quando qualquer pena investe contra o que entre o povo já adquiriu fôros de tabú, encontra, de pronto, em riste, o rebate, o rebate das lanças dos belequins profissionais da imprensa, as diatribes do púlpito e até o ganho da malta proterva, rosnando, furiubunda, injúrias e ameaças e falando em alta traição sem ao menos atinar em que e como empregar o improprio. O tribunal popular tem o condão de se reunir a toda hora e em qualquer lugar quando tem que julgar e condenar um "cristo" sobre quem este ou aquele demagogo proferiu, sob o rótulo de "simples opinião", a sentença condenatória.

Toda época tem o seu espantoso.

Em Portugal, nos tempos de D. João III era sumamente perigoso deixar transparecer a mais leve simpatia por um cristão-novo.

Nos dias que correm um crítico de arte norte-americano foi ameaçado de agressão por Mr. Truman porque emitiu uma opinião desfavorável sobre o trabalho da filha de um dos amigos do Presidente.

Mais recentemente, assistimos ao rumoroso caso do petróleo; taxavam de extremista qualquer espírito mais avisado que alteava sua voz no sentido de alertar o Governo contra as solertes maquinações dos discólos estrangeiros em suas insidiosas e sistemáticas investidas contra o patrimônio nacional. Haja vista sobre Monteiro Lobato, para trazer à baila o mais inequívoco testemunho; suas obras foram para o Index e seu nome soezmente enxovalhado.

Sem dúvida, o que assistimos presentemente — e de braços cruzados — é a narcotização dos altos impulsos patrióticos que sempre abundaram em nossa contextura moral; é a desnacionalização da consciência popular, levada a efeito por um capcioso processo de garrotamento da alma nativista. Para atingir seu ominoso propósito — e com que descabro o fazem! — lançam mão dos mais jesuíticos expedientes. Ora a lisonja, galar-doando, com medalha de Agripa, as mais altívolas inteligências, nem sempre sinceras, com raríssimas exceções.

A propósito, estive hoje observando, num serviço de terraplanagem, que é uso afivelarem-se antolhos à cara dos animais de tração a fim de que não vejam senão a picada que terão de trilhar. Bem! Mas isto não vem ao caso, como, também, aquela história do fazendeiro que aparelhou todas as cabeças de seu rebanho, numa época de seca, de óculos verdes, a fim de que vissem tudo verde!...

Aquí a coisa começa cedo.

Ora, com a inoculação, no espírito da criança, das leituras deletérias dos X-9, Gibis e Cia. Ltda., eufemismo de servilidade, melhor colheita não haverá para o futuro.

Foi assim que a França caiu. Bloqueada intestinamente pelo trabalho solapador dos agentes nazistas, teve toda sua vida nacional controlada, secretamente, por um sistema de descaracterização que culminou com a ocupação militar. E a história registrou, em seus anais, a repetição do transe doloroso de Sedan, que tantos vexames e tantos sacrifícios custou à grande pátria de Voltaire e de Chateaubriand. Preparou-se cuidadosamente a opinião pública ingerindo-se-lhe nas artes, na literatura, na moda e até na culinária. E a

capitulação ignominiosa, se não encontrou o pleno apoio da opinião pública industrializada, também não lhe sentiu resistência. O exemplo ficou. Mas o homem se esqueceu de que os métodos empregados pela Alemanha de Hitler se não enterraram com seu sonho sob os escombros da Berlim derrocada. Haverá sempre um cavalo de Troia e, com mais razões, uma Tróia. Lembrem-se de guardar os muros contra as catapultas de Menelau e se esquecem da espionagem camuflada instigando a revolta e instilando a peçonha da perfídia e da chicana no coração da própria resistência.

No Brasil, tem sido de tal modo industrializado o espírito das massas, que os artigos de produção nacional são até motivo de chacota. Porque já se criaram condições favoráveis à planta exótica do "tipo americano". Só os ignorantes e fanáticos deixam de reconhecer nisso um plano caviloso de arrebato, tão velho que Tamerlão já o empregava contra os povos que pretendia conquistar. Na possibilidade de uma invasão pelas armas, ninguém duvidará do pronto rebate das Forças Armadas, fiéis ao seu papel. Mas ninguém sabe como se portará a opinião pública prostituída à demagogia premeditada.

Andam por aí sanhudos e desencaimados barregões da cetera plutocrática, apregoan-

do os louvores do Senhorio a quem venderam "as luzes do talento e as forças do braço" e traficando com as mais nobres conquistas da alma que neste lado da América se formou na forja da mais cruenta liça. É preciso estar alerta contra eles. E, sobretudo, desmascará-los em tempo a fim de que com o beijo de Judas não entreguem esses 8.500.000 km² de chão nas mãos de alienígenas pouco escrupulosos.

Os pais podiam secundar-nos nessa obra de saneamento da mente infantil, alijando de seu "menú" literário os pratos indigestos como o Gibi, X-9, etc., e varrendo de sua lembrança os personagens de importação, tais como o capitão Atlas, Tarzan, Roy Rogers e outros. Há, para que se lhes entronize no lugar, um grande vulto caboclo, herdeiro das magníficas

virtudes morais que sublimaram em nosso povo nos lances mais admiráveis de nossa história-pátria.

É MANÉ XIQUE-XIQUE!

Criação do saudoso Ildefonso Albano, ex-presidente do grande Estado do Ceará, uma das unidades da Federação onde mais intacto se tem conservado o sentimento nacional.

O Jeca Tatú, personagem mais rabelaisiano, indolente e vencido com que Monteiro Lobato se procurou vingar dos colonos que lhe atearam fogo nos pastos, é outra figura sobre a qual pesa, agora, a sentença de nosso sereno e severo julgamento. É antes, um ultraje aos nossos brios de povo laborioso, cujos sentimentos se não podem afinar pelos da quele rastaquera que adquiriu calçados até para galináceos... Mané Xique-Xique não!

Este simboliza o caboclo heróico que venceu a Amazônia e coadjuvou na colonização do Acre, lutando sempre contra a natureza e os mais governos. É, em pleno século XX, o herdeiro direto do mameluco bandeirante que deu novos brasis ao Brasil.

É este, pois, e não aquele, o espelho em que se deva inspirar a fibra ainda maleável do adolescente, argila em que se moldarão os grandes caracteres de amanhã.

E nem o nosso protesto obedece a outro imperativo, que não o do restabelecimento das mais caras tradições indígenas, que fóra crime imperdoável deixar perecer.

Mas, a dedicação às coisas pátrias, pelo menos em reduzida minoria, não sofre contestação.

É grande o seu poder!